

Niilismo e hermenêutica segundo Gianni Vattimo

Alexandre Gonçalves Barbosa¹

Resumo

Tendo Nietzsche como o grande nome recordado quando dizemos niilismo, e Heidegger quando dizemos hermenêutica, Vattimo segue na proposta de buscar os delineamentos de uma perspectiva de pensamento concebida por ele como *pensiero debole*. É na busca de uma coadunação entre ambos conceitos que ele parece traçar seu caminho para alcançar um “novo” na filosofia que se distancie daquele *novum*, tido como um fundamento metafísico.

Palavras-chave: niilismo; hermenêutica; fim-da-modernidade.

1. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRRJ.

Abstract

Being Nietzsche the great name remembered when we say nihilism and Heidegger when we say hermeneutics, Vattimo seeks the designs of a perspective of thought conceived by him as *pensiero debole*. It is in the search for a coadunition between both concepts that he seems to trace its way to achieve a "new" philosophy that distances himself from that *novum*, regarded as a metaphysical foundation.

Keywords: nihilism; hermeneutics; end-of-modernity.

No presente texto, objetivamos realizar uma abordagem preliminar acerca de temas importantes para a elaboração teórica do filósofo italiano Gianni Vattimo.² Tais temas são também consideráveis quando dizemos dos tempos contemporâneos da filosofia; são eles o niilismo e a hermenêutica. Sabemos das inúmeras produções acadêmicas acerca de tais temas, mas consideramos que a abordagem a partir do autor italiano ainda é novidade para o estudo filosófico no Brasil. Assim, portanto, justifica-se nosso interesse em pesquisar em tais bases aquilo que muitos de nós diríamos como já conhecido.

Para Vattimo, a hermenêutica tornou-se uma espécie de *koiné* da cultura ocidental moderna. Isto significa que ela funciona como um idioma comum que possui vários traços, como o bíblico, o jurídico, o literário; além disso, une vários filósofos em um sentido genérico e amplo, tais como Heidegger, Gadamer, Ricouer, Pareyson, Habermas, Apel, Rorty, Taylor, Derrida, Lévinas e Wittgenstein, todos unidos por uma atmosfera comum (VATTIMO, 1999, p. 13).

Mesmo descrevendo vários autores que podem figurar entre os membros da linha hermenêutica como *koiné*, Vattimo não tem o objetivo de realizar uma sistematização da própria hermenêutica a partir desse ponto. Isso porque tal tarefa parece não suprir as necessidades e mostra-se vaga e fútil por tentar ponderar diante de tamanha diversidade de autores.

Outro ponto que Vattimo descarta em sua análise sobre a hermenêutica é

2. "Gianni Vattimo é considerado um dos maiores expoentes da filosofia contemporânea. Nasceu em Turim em 1936. Foi aluno de Luigi Pareyson na Universidade de Turim e de H. -G. Gadamer na Universidade de Heidelberg. Em 1964 começou a ensinar estética na Faculdade de Letras e filosofia da Universidade de sua cidade natal, tornando-se mais tarde seu decano. Foi professor-visitante em inúmeras universidades americanas: Yale, Los Angeles, New York University e State University de Nova York. Doutor *Honoris causa* das Universidades argentinas de Palermo e La Plata, e Madri, na Espanha. Vice-presidente da Academia da Latinidade. Escreveu inúmeros livros e artigos. Colaborador em diversos periódicos na Europa, dentre os quais destacam-se *La Stampa*, *La Repubblica*, *L'Unità* e *El País*. Exerceu também a militância política. Primeiramente como membro no *Partido Radical*; seguido da Aliança por Turim, e, por último, entre os Democratas de Esquerda no Parlamento Europeu, abandonando o partido em 2004." (TEIXEIRA, 2009, p. 376).

a de buscar/recorrer à essência da própria teoria da interpretação. De acordo com o filósofo de Turim, “ninguém possui o título ou a marca de fabricar teorias, menos ainda de uma teoria como aquela que estamos falando, que nasce mesmo para afirmar – para dizer pouco – os direitos da interpretação.” (VATTIMO, 1999, p. 14). O que caracteriza o direito de tal teoria é a liberdade para realizar uma reconstrução de ‘dados de fato’ históricos, bem como obras e filosofias, não descartando que tal atitude traz em si risco e responsabilidade. Tal gesto livre não tem a pretensão de se estabelecer como uma interpretação fiel, ou até mesmo a mais fiel, às ideias do próprio autor de determinado texto (ou filosofia) a ser interpretado, mas de ressaltar um compartimento de ideias que pode produzir ainda muito mais.

Diante disso, nosso filósofo ressalta a popularidade da hermenêutica, por possuir diversas ramificações, mas afirma que a hermenêutica moderna se mostra muito mais filosófica do que qualquer outra forma. Mas o que significa hermenêutica na elaboração de Vattimo? E qual a razão de ter uma vocação niilista? A tais questões o próprio Vattimo responde, dizendo que

Por comodidade expositiva, porém também – como se observará – por muitas substanciais razões teóricas, definimos hermenêutica como aquela filosofia que se desenvolve ao longo do eixo Heidegger-Gadamer. No arco dos problemas e soluções elaborados por estes dois autores, pode-se muito coerentemente colocar todos os aspectos e diversos caminhos seguidos pela hermenêutica no curso do nosso século. (VATTIMO, 1999, pp. 14-15).

Aproximar Heidegger e Gadamer? A tese de Gianni Vattimo parece muito mais a de colher os elementos mais significativos de ambos, a saber: a ontologia e a ‘linguisticidade’ (*Sprachlichkeit*). Em Heidegger, mesmo com a ênfase que a segunda fase de seu pensamento dá à linguagem, o problema ainda continua pensado a partir do ser, da ontologia. E em Gadamer, a interpretação, acima da ontologia, se dá no amplo horizonte da linguagem que ultrapassa os limites da metodologia científica. Acerca de ambos autores, Vattimo segue a reflexão de Habermas, que afirma que Gadamer teria ‘urbanizado a província heideggeriana’; porém o caráter metodológico de tal urbanização não deve desconsiderar os aspectos ontológicos.

Para nosso autor, o problema da *koiné* é não levar em consideração os aspectos ontológicos em termos heideggerianos, ou seja, descarta aspectos que propiciam uma reflexão acerca do esquecimento do ser. A crítica é justamente ao fato de que a teoria da interpretação de Gadamer – que afirma que toda experiência da verdade é uma experiência interpretativa – tornou-se uma banalidade,

generalizou de tal maneira a hermenêutica que ela se tornou *koiné*.

O problema de tal característica – *koiné* – está no fato de ela ainda possuir os elementos da metafísica; em síntese, a mesma pretensão de ser uma interpretação objetiva e final da existência humana (PECORARO, 2005, p. 93). Vattimo afirma a precariedade de tamanha ambição, dizendo que

É necessário levar a sério a contraditoriedade desta pretensão, desenvolvendo, no caso dele, uma reflexão rigorosa sobre historicidade da hermenêutica também no sentido objetivo do genitivo. A hermenêutica não é apenas uma teoria da historicidade (dos horizontes) da verdade; é ela mesma uma verdade radicalmente histórica. (VATTIMO, 1999, p. 19).

O apelo a uma hermenêutica não metafísica encontra substrato no anúncio da morte de Deus, mas tal evento não deve rejeitar a tese nietzschiana que afirma ‘não há fatos, somente interpretações e isto já é uma interpretação’. Tal movimento combinatório de teses (morte de Deus e não há fatos, apenas interpretações) propicia o distanciamento de uma conclusão prévia que afirma que Nietzsche, ao dizer da morte de Deus, faz uma descrição objetiva dos fatos. Mas Nietzsche não descreve objetivamente a não existência de Deus, e sim *anuncia* sua morte. Tal conclusão perde força, pois é necessário atentar para o caráter de anúncio; o anúncio não é uma narrativa dos fatos mesmos que afirma que Deus não mais existe objetivamente, mas uma interpretação realizada a partir do registro de eventos históricos que conclui, arriscadamente, que Deus não é mais necessário.

Acerca da interpretação da morte de Deus, Vattimo diz que

A complexidade hermenêutica de tudo isto consiste no fato de que Deus não é mais necessário, revela-se como uma mentira supérflua (mentira exatamente só enquanto supérflua) por causa das transformações que, na nossa existência individual e social, foram induzidas exatamente pela crença nele. (VATTIMO, 1999, p. 19).

Com a morte de Deus morrem também os valores tidos como supremos, morre a própria noção de verdade. Tal perspectiva é importante, pois se a hermenêutica deve distanciar-se da metafísica – e da sua pretensão de objetividade – para ser apenas uma interpretação, ela se torna presa à lógica niilista. É nesse sentido que não se pretende uma essencialidade da interpretação, mas caso se deseje manifestar a verdade da interpretação isso deve ser feito mediante uma resposta à história do ser, interpretada como algo que acontece dentro de um niilismo (VATTIMO, 1999, p. 20).

A hermenêutica se caracteriza, portanto, pelo reconhecimento do aspecto

secundário da verdade e da finitude do sujeito. Este sujeito não é portador do *a priori* kantiano, mas se vê em uma realidade histórico-linguística finita, sendo assim, não é capaz de objetivar a verdade, mas apenas interpretá-la dentro de um horizonte herdado.

Considerar uma metateoria hermenêutica constitui-se, portanto, em afastar-se dos delineamentos expostos até agora. Uma metateoria que se pretendesse a essência interpretativa da verdade, pela generalização, seria a recusa em “[...] reconhecer o próprio estatuto de interpretação, a sua radical historicidade (ou seja: a sua ligação com a história do niilismo que, afinal de contas nada mais é do que a história da modernidade e do seu fim) [...]” (PECORARO, 2005, p. 94).

Como então demonstrar a própria validade da teoria hermenêutica? Vattimo responde afirmando que

[...] o que o hermenêutico oferece como ‘prova’ da própria teoria é uma história, seja no sentido de *res gestae*, seja no sentido de *res gestorum*, e talvez também, realmente, no sentido de uma ‘fábula’ ou de um mito, já que se apresenta como uma interpretação (que pretende validade até apresentar-se uma interpretação concorrente que a desminta) e não como uma descrição objetiva de fatos. (VATTIMO, 1999, p. 22).

A recusa metafísica faz com que a hermenêutica se transforme em uma interpretação, a mais persuasiva, até então, dentro de determinado horizonte histórico; uma interpretação que também deve falar do ser e seu sentido. A história do ser é uma das questões mais relevantes da história da filosofia, e não deve ficar de fora, na acepção de Vattimo. Contra tal tese insurge-se Derrida, para quem não se deve mais falar do ser. O filósofo italiano afirma que tal conclusão é metafísica, no sentido de ser dogmática; é o mesmo sentido que teria se alguém lesse a morte de Deus como a sua não existência objetiva (VATTIMO, 1999, pp. 24-25).

Falar do ser não incorre em um retorno da metafísica, pois tal tarefa deve levar em consideração a noção heideggeriana de *Verwindung* e a compreensão de que o ser é um *sendo* dentro de um horizonte histórico linguístico. Vattimo argumenta que a leitura do problema do ser em Heidegger pode acontecer de dois modos: a partir da visão de uma chamada direita heideggeriana e outra pela dita esquerda. A direita entende a história do ultrapassamento da metafísica como fator propiciador do ‘retorno do ser’, seja em termos apofáticos, místicos, negativos. A esquerda concebe a história do ser como a de um ‘longo adeus’, e de seu enfraquecimento interminável (VATTIMO, 1999, p. 26).

Nosso filósofo se insere na linha da esquerda para permanecer fiel à diferença ontológica, que, se não respeitada, condiciona ou identifica o ser ao ente; o que seria recair na metafísica, até mesmo sem se saber. E é dentro dessa perspectiva hermenêutica da história do ser como um progressivo enfraquecimento que surge o *pensiero debole*.

O *Pensiero debole*

Uma nova perspectiva para se pensar a filosofia atual; esta é uma caracterização do *pensiero debole* que se distancia totalmente da categorização metafísica, até mesmo por não erigir dele mesmo – *pensiero debole* – um conceito forte.

É diante do cenário ilustrado ao longo deste trabalho que tal perspectiva de pensar encontra solo para se estabelecer. O fim da modernidade, a dissolução do sujeito, a hermenêutica de Heidegger e Gadamer, bem como a adoção do niilismo como destino são ingredientes que, somados, permitiram a elaboração filosófica de Vattimo.

O *pensiero debole* distancia-se de toda e qualquer forma de metafísica, ou seja, está fora daquela noção paradigmática que almejava a busca de um *Grund* que funcionasse como balizador de toda existência. Como se distancia de uma noção fundamentalista, tal *pensiero* opõe-se a um pensamento forte.

O pensamento forte, na concepção de Vattimo, entra em crise por volta dos anos oitocentos e novecentos, quando começa a emergir um processo de secularização. Tal processo, também presente na cultura atual, ocasionou o enfraquecimento de inúmeras ideologias, sejam filosóficas, religiosas e/ou científicas. (TEIXEIRA, 2013, p. 115).

A crise, mencionada acima, afetou também a produção filosófica, no sentido de gerar uma descrença nas grandes teorias que buscavam uma descrição da realidade de forma totalizante. A filosofia que, de Aristóteles a Kant, é considerada ‘fundacionista’ encontra um cenário desfavorável. Assim, a “[...] ideia de fundação, observa Vattimo, após Nietzsche, se dissolve. Uma das razões diz respeito à complexidade do mundo dos saberes, tornando inverossímil a existência de um saber que sustente todos os outros saberes de maneira fundante.” (TEIXEIRA, 2013, p. 116).

O avanço das ciências conduz a uma progressiva especialização dos saberes. Tal dado coloca em ‘xeque’ a pretensão totalizante de várias filosofias presentes no decorrer da história, da mesma forma que submetem as futuras elaborações

filosóficas a uma cautela discursiva. Os saberes são tantos e tão fragmentados, que se torna impossível saber tudo para explicar o todo.

A evolução das ciências não se constitui como um único golpe à filosofia fundacional; a ela soma-se a teoria da interpretação. A hermenêutica é consciente que existir significa relacionar-se em um mundo com estruturas culturais e históricas socialmente válidas, e que não possuem valor objetivo, estático e definido. O hermeneuta sabe que sua interpretação não possui aqueles *a priori* eternos, pois a linguagem é um elemento dinâmico e cultural. A hermenêutica, portanto, assume sua vocação niilista pela não possibilidade de tomada de um fundamento.

O fim da modernidade é delineado por Vattimo pela não possibilidade de superação, de busca por um *novum* que funcione como *Grund*. No cenário do pós-moderno, a hermenêutica niilista pode atuar como uma tentativa de pensar, filosoficamente, o mundo atual que também vive o processo de secularização. Para tanto, ela não pode desconsiderar o problema do ser, que perpassa toda filosofia e que a ciência e a técnica não conseguem responder. À ciência e à técnica a hermenêutica também pode auxiliar no sentido de precavê-las das pretensões de suas teorias em se estabelecerem como verdades últimas.

O problema do ser deve provir das raízes heideggerianas. Isso implica que não se deve desconsiderar que Heidegger, na segunda fase de seu pensamento, concebe o *Da-sein* como aquele que habita em um horizonte histórico-linguístico herdado. Não perdendo de vista a ausência de um horizonte fundacional e a metafísica como história do esquecimento do ser, torna-se possível compreender que “[...] o *pensiero debole* tem como ideia motriz ressaltar a teoria do enfraquecimento como caráter constitutivo do Ser na época do fim da metafísica.” (OLIVEIRA, 2004, p. 276).

Em um de seus programas disponíveis no YouTube, Vattimo (2008) afirma que a história do ser é a de um ‘longo adeus’, de um progressivo enfraquecimento, de um perene debilitamento. O ser não é tratado em termos de reapropriação e fundação, mas sim a partir de sua fragilidade.

Pensar em termos de uma razão frágil não implica em dizer dos alcances e dos limites da razão, como empreendeu Kant, mas conduz a uma nova perspectiva para interpretar a realidade e para ser com os outros no mundo. O *pensiero debole* também abre portas para a dimensão ética do viver em comum, pois leva em consideração a variação das culturas em suas formas de interpretar o mundo.

Além disso, o *pensiero debole* se faz sensível à esfera religiosa. Na fase mais

tardia de sua elaboração filosófica, Vattimo se dedica a obras acerca da religião, e, para o autor, o cristianismo é um dos herdeiros daquele processo de secularização que mencionamos acima. Para Vattimo, é pela *kénosis* da encarnação que percebemos a dissolução de todas as características metafísicas de Deus para que este se encarne no século.

Em resumo, a aplicação do *pensiero debole* à religião provoca a dissolução dos apoios metafísicos da religião, ou seja, a estrutura dogmática. O cristianismo, a partir de tal análise, se vê despido de toda e qualquer fundamentação supra-histórica. É neste cenário *kenótico* da religião que emerge a *caritas* como uma espécie de imperativo para a vida cristã. O que temos é que “[...] Vattimo resgata o horizonte da *caritas* – que não é conceito ou fundamento racional – mas caminho de sentido cristão da vida.” (PAIVA, 2015, p. 423)

O panorama do *pensiero debole*, que se pretende manter longe de qualquer fundamentação metafísica, impulsiona a uma reflexão acurada acerca da verdade. A verdade constitui-se como um problema ortogonal em toda filosofia e história da humanidade. Pela defesa da verdade muitas guerras foram realizadas, muitas mortes justificadas e muitos crimes legitimados. Ter em mente os termos de uma razão frágil nos conduz – em tempos de intenso acirramento racional acerca de qual argumento se estabelece como palavra última e fundamental – a uma nova atmosfera de vida, na qual a pretensão de descrever o mundo cede terreno para interpretá-lo, respeitando os vários horizontes históricos e linguísticos que o próprio mundo dispõe.

Referências Bibliográficas

- [1] OLIVEIRA, Ibraim Vitor de. *Arché e telos: niilismo filosófico e crise de linguagem em Fr. Nietzsche e M. Heidegger*. Roma: Pontificia Università Gregoriana, 2004.
- [2] PAIVA, Márcio Antônio de. “Da veritas à caritas: a religião depois da religião”. In *Horizonte: revista de estudos de teologia e ciências da religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 1997.
- [3] PECORARO, Rossano. *Niilismo e (pós) modernidade: introdução ao “pensamento fraco” de Gianni Vattimo*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005.
- [4] TEIXEIRA, Evilázio Borges. *A fragilidade da razão: pensiero debole e niilismo hermenêutico em Gianni Vattimo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

-
- [5] TEIXEIRA, Evilázio Borges. "Gianni Vattimo". In.: PECORARO, Rossano (Org.). *Os filósofos: clássicos da filosofia: de Ortega y Gasset a Vattimo*. Petrópolis: Vozes, Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2009. pp. 376-395.
- [6] VATTIMO, Gianni. *Gianni Vattimo, Postmodernità - Pensiero debole*. YouTube, 30 de novembro de 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bo2fYKRG9qA>. Acesso em: 19 out. 2015.
- [7] VATTIMO, Gianni. *Para além da interpretação: o significado da hermenêutica para a filosofia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.